

Do Egito antigo ao Brasil contemporâneo através da religiosidade egípcia neopagã (kemetismo): uma entrevista com Pablo Mizraji

ENTREVISTADO: PABLO MIZRAJI

Cientista Social | Florianópolis, SC, Brasil
pmizraji@gmail.com

ENTREVISTADORA: RAISA SAGREDO 

Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis, SC, Brasil
raisawsagredo@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v35i1pe233806

resumo Nesta entrevista inédita realizada em 2025 – ano em que a primeira comunidade kemética no Brasil celebra 20 anos de existência –, Pablo Mizraji que é Cientista Social, membro da Sociedad Uruguaya de Egiptología, sacerdote de comunidade kemética e um dos fundadores do Kemetismo Brasil, compartilha a história e o desenvolvimento dessa religiosidade neopagã, inspirada na antiga tradição egípcia e na cosmopercepção daquela antiga sociedade. Pablo conta sobre a construção dessa religiosidade dentro do contexto neopagão internacional, trazendo igualmente a discussão para o solo brasileiro. Além disso, o entrevistado explica pontos fulcrais para a compreensão do Kemetismo, como os conceitos de Heka, Ka, Dua e Neter, bem como os princípios que regem essa religiosidade, as principais divindades cultuadas e as aproximações do Kemetismo com o conhecimento acadêmico egiptológico.

palavras-chave Brasil; Egito antigo; Kemetismo; Religiosidade..

From ancient Egypt to Brasil through Neopagan Egyptian Religiosity (Kemetism): an Interview with Pablo Mizraji

abstract In this exclusive interview released in 2025, the same year in which the first Kemetism community in Brazil celebrates its 20th anniversary, social scientist, member of the Sociedad Uruguaya de Egiptología, priest of a Kemetism community and one of the founders of "Kemetism Brasil", Pablo Mizraji, shares the history and development of this neopagan religion, inspired by the ancient Egyptian tradition and the cosmoperception of that ancient society. Pablo expounds on the foundation of this religion within the international neopagan context and then focus on the discussion in the Brazilian context. Furthermore, the interviewee explains key points for comprehending Kemetism, such as the concepts of Heka, Ka, Dua and Neter, as well as the principles in which this religion is based, its main worshipped deities and power entities and the approximation between Kemetism and the academic Egyptological knowledge.

keywords Brazil; ancient Egypt; Kemetism; Modern Paganism; Religiosity.

Introdução

Kemetismo pode ser definido como o reavivamento e/ou o reconstrucionismo de antigas tradições, cosmopercepções e práticas religiosas do Egito antigo na contemporaneidade. Ainda que não tão conhecida como tradições neopagãs da Bruxaria por exemplo, o Kemetismo muito tem a contribuir na atual conjuntura nacional e global



e233806

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v35i1pe233806>

no combate à intolerância religiosa, nas discussões sobre africanidade – pois tal religiosidade situa-se na luta anticolonialista e pan-africanista da década de 1970 em África –, e no reconhecimento e valorização do mosaico cultural e religioso que compõe o Brasil. A religiosidade do Kemetismo é assim chamada por derivar-se da palavra egípcia “*Kemet*”, nome com que os egípcios da Antiguidade chamavam aquelas terras, significando “terra negra”, uma alusão, segundo a maioria das interpretações, ao solo escuro fertilizado pelo rio Nilo em sua época das cheias, que garantia a subsistência dos egípcios e de todos os seres ali viventes. Plantas, animais, seres humanos, não humanos e divinos estão integrados em uma rede nessa cosmopercepção, que baseia-se em alguns princípios como *Maat* (a ordem universal de equilíbrio), *Ankh* (Energia Vital como princípio holístico que permeia toda a existência), entre outros explicados adiante. A fim de melhor compreender o Kemetismo de um ponto de vista histórico e antropológico, o sacerdote de comunidade kemética e Cientista Social Pablo Mizraji, que é também membro da *Sociedad Uruguaya de Egiptología* e um dos fundadores do Kemetismo Brasil² junto com Aline Camargo e com o professor Dr. Julho Gralha (Universidade Federal Fluminense), é entrevistado pela historiadora “Entrevistadora X”, da área dos *Pagan Studies*³ e da História das Religiões. O Kemetismo Brasil, fundado então em 2018, é uma entidade sem fins lucrativos que objetiva integralizar diferentes comunidades e iniciativas keméticas no Brasil e no exterior, reunindo informações sobre comunidades, cursos, templos e fóruns de estudos para os interessados no tema. Na esteira dos movimentos neopagãos que emergiram no século XX na Europa, o Kemetismo tem em suas raízes um apelo ao rompimento com o eurocentrismo, possuindo também um diálogo intrínseco com a própria Egiptologia, bebendo tanto de fontes fruto desse saber acadêmico, quanto de práticas que permaneceram existindo em solo egípcio, praticada de forma nativa em seus diferentes contextos históricos. Mais do que nunca, em tempos de intolerância, preconceitos, eurocentrismos e emergências ambientais globais, dar visibilidade a espiritualidades neopagãs que buscam uma orientação no passado espiritual é uma forma de agregar novos horizontes futuros em termos de coletividade e diversidade.

Entrevista

Raísa Sagredo: Quando se pensa em reavivamento de panteões de deuses antigos, somos remetidos a um contexto europeu, ocultista e de sociedades secretas, em meio a invenções de tradições datadas historicamente, principalmente no século XX e que depois

¹ Vale mencionar que para o historiador e antropólogo senegalês e afrocentrista Cheikh Anta Diop (1923-1986), o termo “*Kemet*” era usado pelos próprios egípcios da Antiguidade como uma referência à sua negritude, sendo a tradução do termo, segundo ele, “terra dos homens pretos”. Diop mostra que o termo *kemet* ou *kemit*, transcrições da palavra egípcia *kmt* – proveniente do adjetivo “*km*” que significa preto –, significaria rigorosamente “negros” ou, pelo menos, “homens pretos”, sendo um “termo coletivo que descrevia, portanto, o conjunto do povo do Egito faraônico como um povo negro” (Diop, 2011: 22).

² Site oficial do Kemetismo Brasil: <https://www.kemetismobrasil.com.br/>. Acessado em: 01 de Dez. de 2024.

³ Corrente multidisciplinar que se consolida na década de 1990, nos Estados Unidos, e que estuda de forma exclusiva as religiões (Neo)Pagãs. Atualmente, em países como EUA, Canadá e países europeus como a Inglaterra, o *Pagan Studies* é um campo de pesquisa consolidado e amplo.

se expandiram no contexto do paganismo moderno. Mas o desenvolvimento do Kemetismo se deu fora da Europa, em África, durante a década de 1970. Pablo, você poderia então explicar, em detalhes, como surgiu o Kemetismo?

Pablo Mizraji: Então, querida irmã, esse reavivamento (alguns costumam chamar de reconstrucionismo) de antigas tradições, cosmovisões e práticas da espiritualidade egípcia se deve a uma importante influência do movimento afrocentrista e do nacionalismo negro, que ganharam força nos Estados Unidos e em África na segunda metade do século XX. Essa redescoberta e valorização das tradições africanas como um todo surgiram como uma resposta ao eurocentrismo e ao apagamento cultural imposto por essa visão hegemônica dos europeus sobre povos periféricos. Dentro dos principais movimentos (e é assim que podemos chamar esses grupos) que influenciaram o Kemetismo, tivemos intelectuais que buscaram reafirmar uma identidade africana, e *Kemet* foi visto como uma das culturas a serem revivificadas. Esse foi o trabalho do senegalês Cheikh Anta Diop, por exemplo, que argumentava que o *Kemet* é a matriz africana com um legado que posteriormente influenciou tradições do Oriente Médio, e por sua vez, europeus. No entanto, se formos mais a fundo neste contexto, vamos garimpar a figura tão importante de um egípcio nativo, Abdel Al Hakim, que foi para nós, o primeiro a resgatar e levantar a legitimidade de um pensamento kemético autêntico. Isto é, tal como ele e o Prof. Moustafa Gadalla (também egípcio), validam a ideia de que o Kemetismo no Egito, mesmo moderno, sempre existiu e nunca deixou de ser praticado ou percebido, independente das mudanças socioculturais e políticas sofridas pela população ao longo de milênios. Vamos lembrar que *Kemet/Aegyptos/Misr* passou por várias mãos como persas, gregos, romanos, bizantinos, otomanos, britânicos e árabes, mas a questão cultural, dentro de um sistema de valores e crenças, é algo muito difícil de ser exterminada. Recentemente produzi uma série de artigos em nosso site sobre a “origem egípcia da identidade de seu povo”, o que nos faz pensar essa dualidade imposta pelo Ocidente ao pensar que egípcios antigos são diferentes de egípcios modernos. O que, afinal, caracteriza uma cultura e práticas culturais? A língua? A escrita? Cultos? Não será o processo de apropriação cultural moderna sobre uma cultura que é imposta e toma isso como uma verdade absoluta? Não será um desrespeito aos povos que ali hoje ainda se encontram, como os *fellahin*, *baladi* e *saidi* (sem falar das inúmeras etnias e culturas nilóticas que ainda eram contemporâneas dos keméticos antigos) e que ainda possuem os mesmos costumes, compartilhando saberes ancestrais, crenças, calendários, etc? É neste ponto que nós nos diferenciamos talvez das demais percepções pagãs na modernidade. Pensar em um movimento que “resgata” ou “reconstrói” uma cosmovisão e práticas do zero sem levar em consideração o que certos povos ainda praticam e estão vivos, é um pouco anacrônico e na verdade, acabamos reforçando este processo de deslegitimação e empoderamento das periferias da Europa. O que fazemos ao não dialogar com África e trazer somente elementos europeizantes, faz com que demos as costas ao elemento africano. Existem hoje muitas vertentes keméticas dentro de um grande guarda-chuva, como a *Ausar Auset Society* de 1973, o Templo de Kemet, a *Kemetic Orthodoxy* (KO) dos anos 80, a Fraternidade de Isis, e também grupos mais independentes como os egípcios, como o pioneiro Hakim, Ramses Seleem e claro, Moustafa Gadalla. Desta forma,

o Kemetismo foi emergindo aos poucos, timidamente, no Brasil, com grupos da KO organizando-se, mas em 2004 e 2005, em Florianópolis, foi criada uma comunidade kemética, de vertente gadalliana e que passou a ser iniciática, em termos de preparação para rituais, formação teórica filosófica e de cunho social e espiritual. Desde então, outras correntes e grupos foram se atrelando, ora no exterior, ou criando suas bases no país, até chegarmos a um grande fórum supra-ideológico chamado de Kemetismo Brasil em 2019, um portal que congregaria todas as vertentes e servisse como um agregador, unificador do Kemetismo a nível nacional e que dialogasse com as demais tradições pagãs no país e no exterior, além de servir como espaço de consultoria.

Raísa Sagredo: E como esse Kemetismo chegou ao Brasil? Como você, dentro da sua trajetória pessoal, teve contato com essa religiosidade e como chegou a fundar propriamente uma comunidade kemética?

Pablo Mizraji: Vindo de fora para o Brasil, evidentemente, muitos grupos foram fundamentando-se em princípios e códigos das tradições que estavam relativamente próximas, seja da feitiçaria, bruxaria, ordens e sociedades herméticas, afro-brasileiras, etc. Particularmente, foi emblemático para mim, porque minha origem, de certa forma, facilitou esse processo de despertar. Primeiramente, porque descendo de uma família de origem espanhola sefardi e outra, por lado materno, egípcia-judia, o que, desde cedo, me percebi como multi-étnico em minhas crenças e costumes culturais. A perspectiva pela qual bebi da fonte durante toda infância e adolescência estavam sempre centralizadas na cultura, seja árabe, espanhola e cigana, Minha avó materna, foi criada por ciganas no interior do Uruguai (a qual também nasci lá) e recordo-me dela realizando atendimentos domiciliares, como oráculos, mediunidades e práticas populares de cura. Neste universo, as narrativas apreendidas em casa foram repassadas para mim em tenra idade, o que eu acabei não encontrando eco na literatura fora de casa. Ao falecimento da minha avó, tanto eu quanto meu irmão seguimos a trilha da espiritualidade (até porque meus pais são/eram ateus), ele para o candomblé e eu pelas filosofias afro-orientais, como a kemética, tântrica, babilônica, pré-islâmica e taoísta. Me aprofundei nestes sistemas, métodos, tanto teoricamente quanto na prática, mas sempre surgia uma lacuna sobre uma “essência”. Foi na descoberta de investigar o sobrenome, as origens, os trabalhos herdados pela minha ancestral que me levaram diretamente para o Kemetismo, onde, já adulto, passei a estudar o árabe, os hieróglifos, procurar o foco antropológico acadêmico, e me dedicar exclusivamente neste caminho. Em 2004, já havia um grupo de estudos e práticas em espaços amistosos que abrigavam pessoas que se dedicavam a formar uma sede fixa. Criamos um lugar que serviu como templo, uma casa exclusivamente destinada a isso, que durou uns 5 anos. Em 2008, fomos convidados pelo Dr. Moustafa Gadalla a integrar organicamente o *Tehuti Research Foundation e a Egyptian Mystical University*, ambos braços da Per Neter e Per Ankh do sistema iniciático gadalliano, a qual fui coordenador das Seções de Língua Portuguesa e Espanhola das duas instituições, vindo a ser iniciado. Com esta reconfiguração, o Kemetismo aqui no sul do Brasil passou a assumir um contorno mais próximo ao universo africano, kemético claramente e passamos a adotar o mesmo sistema,

seja de graus, organização comunitária e formação filosófica. Porém, a vantagem do sistema gadalliano é que podemos usar o conceito de adaptabilidade e resiliência conforme a realidade local nos impacta e isto significa que é possível transferir a modalidade de comunidade de mais de 100 pessoas, quanto de 3 pessoas organizadas.

Raísa Sagredo: É muito interessante perceber que muitos ramos do neopaganismo têm uma relação com a Arqueologia e/ou com a História Antiga, remetendo muitas vezes inclusive a estudos folclóricos e antropológicos, como a influência dos estudos de Sir James Frazer com seu *The Golden Bough* (1890), uma inspiração na época para interpretações do passado em torno do ciclo vida-morte-renascimento e a importância de cultos de fertilidade, por exemplo. Você poderia comentar sobre a relação entre a Egíptologia e o Kemetismo hoje?

Pablo Mizraji: Sim, costumamos sempre afirmar que Kemetismo sem egíptologia praticamente não existe. Isso significa que, independente das questões individuais, como processos e fenômenos mediúnicos, canalizações e *insights*, e com todo respeito a isso (até estimulado, mas individualmente), os conceitos e a tradição não podem ser frutos de micro perspectivas, mas sim amplamente fundamentadas em história, arqueologia, antropologia, ciências botânicas, astrofísicas, etc. Uma tradição pagã moderna não pode ser refém de contextos individuais e achismos frágeis que, além de desrespeitar as antigas tradições milenares (egrégoras coletivas), carece de fontes e interpretações históricas. Infelizmente, o anacronismo é um fato em alguns caminhos atuais insistem em seguir, o que para nós, apenas reforça a estigmatização do antigo em função do “novo”, num evidente processo de ocidentalização dos costumes e crenças. Detalhe que nós não somos conservadores no sentido estrito do termo, visto que anteriormente falamos sobre a adaptabilidade e resiliência. Acreditamos que o bom senso e a ética devem prevalecer constantemente. Os princípios cosmológicos, que levamos em consideração, tanto a nível espiritual quanto humano (cultura) devem estar alinhados ao propósito das nossas ideologias. A ciência egíptológica precede os grupos keméticos modernos e, portanto, é tão importante para nós continuar alinhados aos acadêmicos, porque, de certa forma, um terá a possibilidade de exercer significância em ambos os lados - tal como esta entrevista. Hoje, há muitos historiadores, arqueólogos, antropólogos e egíptólogos que fazem parte de tradições do paganismo moderno e que acabam, direta ou indiretamente, contribuindo de forma impactante para a ciência e o Kemetismo. Claro, não foi o contexto inicial da historiografia ocidental que, no seu berço, teve inúmeras complicações, como qualquer área do conhecimento que se projetava ainda na segunda metade do século XIX, mas isto pode ser assunto para outro momento [risos].

Raísa Sagredo: Me chamou a atenção que um dos fundadores do Kemetismo Brasil, junto com você, é o professor da Universidade Federal Fluminense, Dr. Julho Gralha, que atua como coordenador do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia

Transdisciplinar (NEHMAAT)⁴, e do Laboratório de História, Espiritualidade e Religiosidade da UFF (LHER)⁵. E você mesmo, Pablo, é também membro da Sociedad Uruguaya de Egiptologia. Nas demais organizações keméticas pelo mundo, igualmente percebe-se esse forte diálogo entre pesquisadores e Kemetismo?

Pablo Mizraji: Sim. O Prof. Julio Gralha é um dos nossos maiores exemplos desta ligação entre o campo acadêmico e o da tradição que é estudada. Junto com a mãe do projeto inicial, Aline Camargo, contribuímos com a criação do Kemetismo Brasil, que possui um formato para além das vertentes e que serve como espaço de acolhimento, tanto para novas comunidades e pessoas ligadas ao Kemetismo, quanto àquelas acadêmicas que buscam conhecer mais profundamente essa tradição, de forma científica. Hoje, existem muitos profissionais que dialogam com o Kemetismo de forma muito mais respeitosa e séria, no sentido de não usar suas lentes culturais para descrever, rotular, classificar, categorizar culturas diferentes da sua. Mas isto nos referimos ao contexto brasileiro. No exterior é possível encontrar, infelizmente, algumas visões que tentam rejeitar essa aproximação, de ambos lados. E no caso de uma tradição como a kemética, tão antiga, é lamentável essa lacuna. Por mais historiadores pagãos em nossas salas de aulas!

Raísa Sagredo: Entrando propriamente na religiosidade, poderia nos explicar como se configura a cosmo percepção dentro do Kemetismo e em quais princípios e conceitos se baseia? Existe apenas um Kemetismo, unificado, ou podemos falar em Kemetismos diversos?

Pablo Mizraji: Sim. Podemos dizer que existe um Kemetismo, mas com vertentes distintas entre si. No entanto, para o Kemetismo Brasil, esse foi um problema inicial: como considerar uma comunidade kemética, baseando-se em quais critérios, afinal? Como identificar uma comunidade kemética ou culto kemético? Com base nisso, pudemos identificar 5 princípios, que consideramos como chaves (não necessariamente exclusivos) para elucidar se uma comunidade pode ser considerada nos padrões da tradição. São eles: levar em consideração o conceito de *Ankh* (Energia Vital) como princípio holístico que permeia toda a existência universal, dividida em planos materiais e sutis (multiversos) e incluindo o conceito antropológico de animismo; o conceito de *Maat*, que identifica que toda a ordem cósmica segue um padrão, equilíbrio entre todas as partes, e que pode ser cultivado em três partes: dentro de cada um, socialmente e cosmológicamente; *Neteru*, onde esse enorme sistema universal que compõe *Maat* e *Ankh* é regido por forças naturais, potências criadoras das formas e manifestações da Vida, ou vulgarmente chamados de divindades; *Akhu*, que significa o culto e respeito aos antepassados, no qual nossos

⁴ Site oficial do NEHMAAT – Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da Universidade Federal Fluminense (UFF): <http://www.nehmaat.uff.br/>. Acessado em: 23 de Jan. de 2025.

⁵ Informações adicionais sobre o Laboratório de História e Espiritualidade da UFF na página da Universidade Federal Fluminense: <http://historiacampus.sites.uff.br/atividades/e-grupos-de-pesquisa/>. Acessado em: 23 de Jan. De 2025.

ancestrais mestres e familiares formam o resultado final que é cada um de nós, um DNA ancestral; e finalmente, *Unut*, o conceito de comunidade, família, clã, especificamente a parte que resiste a este sistema de vida e crenças pela qual nadamos contra a maré. Outras vertentes acabam utilizando outros critérios, mas, de qualquer forma, são esses os principais tópicos que acreditamos serem importantes. Há grupos que se aproximam mais de tradições como a feitiçaria europeia, sistemas de magia cerimonial, entre outros. Não seguimos, mas respeitamos.

Raísa Sagredo: O panteão egípcio acabou se popularizando nos últimos anos em função de produções da cultura *pop* como a série *O Cavaleiro da Lua* (2022) da Marvel⁶, o filme *Deuses do Egito*⁷ (2016) e até mesmo produções brasileiras que abordaram o Egito antigo como as da rede de televisão Record⁸. No Kemetismo, quais são as principais divindades cultuadas, ou melhor, Neteru, como explicado, e de que forma se dão os ritos e as relações entre essas forças e os seres humanos?

Pablo Mizraji: Este é um tema bastante complexo. Nossa vertente segue uma linha bastante diferente daquela interpretada pelo olhar ocidental. Nossa ideia de deuses, divindades, são provenientes dos próprios bárbaros, no sentido antropológico do termo, ou seja, dos estrangeiros. “Deuses”, conceito que foi importado para a Grécia, passou a significar entidades que habitavam e se moviam no tempo-espaço e que possuíam afinidades com a Terra e os humanos. A concepção kemética de *Neteru*, se aproxima muito mais às esferas das próprias cosmologias africanas, em termos de forças da natureza (*orishas*) e mesmo xamânicas/taoístas, de energias criadoras universais. Como os primeiros egiptólogos vinham de um repertório judaico-cristão sobre paganismo, foi natural conceberem termos de *Neteru*, *Ankh*, a natureza dos corpos, a própria natureza, o cosmos, como sendo particulares ao entendimento bíblico e torânico. Dito isto, a nossa concepção de *Neteru* converge naturalmente para o mesmo processo subsaariano ou mesmo das etnias do deserto, pré-islâmicas, na ideia de que existe um Ser demiurgo, no caso uma divindade matriz feminina e que dá lugar a um universo formado por inúmeras forças, chamadas de princípios (*Neteru*) e não deuses. Estes princípios estão dentro da mais alta filosofia abstrata metafísica que aborda as estruturas universais como fenômenos até científicos para explicar como os sistemas solares se organizam, as esferas da vida e da morte interagem o tempo todo, os ciclos e os tempos, etc. Cada processo é considerado como uma manifestação e nuance do divino, a qual, nós meros animais humanos, somos impedidos

⁶ A série *Moon Knight* (2022) é uma adaptação dos quadrinhos da *Marvel Comics* da década de 1970, foi produzida pela *Marvel Studios* e disponibilizada pelo streaming Disney+.

⁷ *Gods of Egypt* é um filme que trata da mitologia egípcia, mais especificamente, da narrativa da Contenda entre Horus e Set. O filme foi marcado por uma crítica negativa em função do *whitewashing*, termo usado para denominar a prática de embranquecer personagens de outras etnias em representações cinematográficas e outras.

⁸ O Egito faraônico foi abordado de forma marcante nas produções bíblicas da emissora Record. Em 2013, produziram a minissérie *José do Egito*; na novela de duas temporadas *Os Dez Mandamentos* (2015) e no filme *Os Dez Mandamentos* (2016), adaptação cinematográfica da própria novela.

pela limitação natural. Neste sentido, nossa cosmovisão segue mais uma linha não antropocêntrica de entendimento da natureza e do ser humano do que àquela cujo sistema entende que nós dominamos e controlamos a natureza e o cosmos. Muitos *Neteru* são cultuados desta forma, quando compreendidas as suas devidas manifestações, portanto, desde as primordiais energias femininas como *Neith*, *Aset* (Isis), *Sekhmet*, *Het-Heru* (Hathor), *Maat* e *Bastet* quanto as mais masculinas como *Anpu* (Anubis), *Ra*, *Heru* (Horus), *User* (Osirir), *Tahuti* (Thoth), etc. Dentro do Kemetismo existe o culto doméstico, praticado entre qualquer membro, e o culto sacerdotal, destinado àqueles que passaram pelo processo iniciático.

Raísa Sagredo: Poderia comentar conosco um pouco sobre o calendário litúrgico utilizado no Kemetismo? Pois a cultura egípcia antiga era muito ligada a celebrações e festivais, percebemos que há um leque de datas importantes igualmente no Kemetismo.

Pablo Mizraji: O calendário kemético, tal como de qualquer outra religião, segue uma orientação astronômica. E se levarmos em conta a idade do calendário kemético, sabemos que é um dos mais antigos do mundo. E detalhe: ainda praticado pelas etnias coptas no Egito, Sudão e Etiópia, remanescentes das antigas tradições herméticas, gnósticas e cristãs primitivas. Nosso calendário segue três linhas: o sotíaco (Sirius), solar (cívico) e osiriano (lunar). Muitas datas convergem com o calendário de festividades (primeiramente descritas por Heródoto no século V) originais, mas outras acabam invertendo o cálculo devido ao nosso Hemisfério Sul, em relação aos ciclos sazonais e das estações, por exemplo. Assim, da mesma forma, o calendário lunar que segue uma orientação móvel de datas. Portanto, há uma sequência definida entre dias sagrados de festas, rituais e cultos ao mesmo tempo que há datas que são adaptáveis à nossa realidade.

Raísa Sagredo: Percebe-se um forte ativismo ambiental e até mesmo social/político em grande parte dos ramos neopagãos pelo mundo. Acontece o mesmo com o Kemetismo?

Pablo Mizraji: Sim e até de certa forma, muito ativa. Se o Kemetismo é a prática de culto 100% voltada à natureza, e natureza esta, compreendida como uma manifestação direta das essências universais, e que não existe separação entre criação, criador e criatura, o meio ambiente é o nosso sagrado templo, lar dos *Neteru* e nosso habitat. O que chamamos de espaços de poder e lugares sagrados, não são sempre templos, mas rios, matas, desertos, vales, montanhas, etc. O kemético que compreende a essência divina da criação, saberá que defender seus espaços, de onde converge a energia vital (*Ankh*) não é apenas uma questão de política, mas também maática, ou seja, faz parte de seu código de conduta espiritual estar atrelado às Leis de *Maat*, que falam do equilíbrio, da retidão e harmonia. Mas, infelizmente, o movimento pagão ainda carece de unidade e formas mais ativas e políticas de resistência, sendo mais vulnerável a uma sociedade cada vez mais consumista e individualista.

Raísa Sagredo: Para quem se interessar por conhecer mais essa religiosidade, e quiser começar a estudar para se inteirar de todo esse universo de práticas e princípios, é preciso já ter algum conhecimento prévio sobre Egito antigo e do panteão da época faraônica? Quais os primeiros passos para os interessados?

Pablo Mizraji: O Kemetismo, pelo menos da *Ka Em Neter*, nossa comunidade que completa 20 anos agora em 2025, não requer nenhum pré-requisito. No entanto, temos fóruns de discussão, ambientes abertos para estudos, dúvidas e questões relacionadas ao Kemetismo e egiptologia. Existem canais abertos como o Portal Kemético⁹ e o Kemetismo Brasil que fornecem auxílio a quem está chegando, além de sites, canais de vídeos, lives, palestras e redes sociais. Este ano, será lançado um livro¹⁰ de minha autoria sobre Introdução ao Kemetismo: Teoria e Prática, talvez o primeiro nesses termos. Existem muitas obras, com elementos keméticos, mas não necessariamente Kemetismo. Mas para quem deseja compreender mais a fundo os mistérios, autoconhecer-se no sentido espiritual, oferecemos uma formação para iniciação e que conduz aos caminhos da espiritualidade. Mas para quem quer entrar cautelosamente, também há cursos avulsos para cada tema abordado. Nossa comunidade é repleta de pessoas dispostas a auxiliar e como uma família, acolher todos e todas.

Considerações finais

A partir desta entrevista, foi possível perceber interessantes cruzamentos históricos e antropológicos para se pensar o âmbito das práticas de uma religiosidade egípcia, pertencente a outra temporalidade – no caso, a Antiguidade –, desenvolvendo-se em solo brasileiro no tempo presente. Faz-se importante também nomeá-la enquanto uma prática religiosa de origem africana, pertencente ao universo africano/de matriz africana, que é não apenas presente de forma marcante na sociedade brasileira contemporânea, mas que é parte da formação do Brasil em termos de nação e de identidade. A própria referência do nome “Kemetismo”, proveniente do vocábulo *Kemet*, conforme explicado, retoma a ideia de africanidade proposta pelo pan-africanista Cheikh Anta Diop.

A Comunidade Kemetismo Brasil é a única dessa vertente em solo brasileiro, com a característica de comunidade propriamente, pois agregou diversas práticas e praticantes que estavam dissolvidos antes de 2019, quando a Comunidade Kemética formou-se – porém, vale comentar que existem outras vertentes atuando em formatos diferentes, como em células, de caráter mais fechado, por exemplo. Foi possível perceber recentemente que a Comunidade vem ganhando mais visibilidade e adeptos, por exemplo: foi realizado um grande evento, de forma presencial no Rio de Janeiro e em São Paulo, bem como de forma virtual: a 1ª Convenção Kemética Brasileira, de 11 a 21 de setembro do corrente ano de

⁹ Grupo de Whatsapp vinculado à comunidade kemética (*Unut*) *Ka Em Neter*, cujo objetivo é apresentar e propagar o Kemetismo através de conteúdos e interações propostas, de forma introdutória e bem embasada, sob a ótica da Egiptologia, História e da Antropologia.

¹⁰ O referido livro, de autoria do entrevistado, foi lançado no momento da submissão da entrevista à revista. A obra intitula-se *Entre Duas Terras: Cosmologia e Prática Kemética*, lançado pela Editora Manus Gloríae. Disponível em: <https://www.editoramanusgloríae.com.br/entre-duas-terras-cosmologia-e-pratica-kemetica>.

2025, atividade no qual foram oferecidas palestras, oficinas e rituais. Além desse evento, após a realização da entrevista em questão, abriu-se as inscrições também para a Formação Kemética da *Ka Em Neter*, dedicada às iniciações para o sacerdócio dentro dessa religiosidade. Todas essas ações têm gerado uma maior visibilidade do Kemetismo no âmbito nacional. É muito interessante perceber que o Brasil possui como característica essa diversidade de práticas, e que o âmbito do Kemetismo no Brasil, em especial, vai se formando muito em função do trabalho feito através da comunidade virtual, que conecta os entusiastas e praticantes de todo o país, a *Ka Em Neter*, que buscam este espaço a fim de trocar experiências, tecer aprendizados e poder ter acesso a materiais como livros, a fim de guiarem principalmente suas práticas privadas dentro do Kemetismo.

Outro assunto que destacamos a partir do que foi trazido por nosso entrevistado, é o fato de que os três fundadores do Kemetismo Brasil – Aline Camargo, Júlio Gralha e o próprio Pablo Mizraji –, mobilizam diferentes experiências em suas trajetórias, ressaltando aqui suas experiências profissionais científicas e de cunho espiritual, demonstrando que as fronteiras, ao pensarmos em Kemetismo no Brasil, parecem ser muito permeáveis e se movimentam de uma forma muito diferente do que no exterior. Por exemplo, em sua trajetória, o Professor Dr. Júlio Gralha é egiptólogo e professor da Universidade Federal Fluminense, coordenador de dois laboratórios de pesquisa na UFF, tendo sido palestrante também do 1º Congresso de Ufologia de Campos dos Goytacazes, realizado no ano de 2025; Pablo Mizraji é Cientista Social e membro da *Sociedad Uruguaya de Egiptología*; e Aline Camargo é Bacharel em Relações Internacionais e dirigente espiritual da Tenda de Umbanda Caboclo Risca Fogo, uma outra religiosidade. Ou seja, não parece existir um conflito em termos de pertencimentos dogmáticos dentro de práticas e da cosmopercepção keméticas, pois seus fundadores transitam por diferentes espaços de forma fluída. Essa diversidade de experiências e trajetórias vai ao encontro das discussões decoloniais contemporâneas, que buscam, rompendo com a episteme eurocentrada, reconhecer as subjetividades inerentes aos sujeitos que produzem conhecimento, sem que suas subjetividades sejam vistas como uma desvalidação dentro do âmbito acadêmico.

Por fim, destacamos que tais cruzamentos constituem-se como fundamentais para compreendermos também a grande complexidade e diversidade de práticas religiosas africanas no Brasil contemporâneo, e a compreensão – que parte da divulgação científica para fora dos âmbitos acadêmicos –, constitui-se como basilar para a desconstrução não apenas da intolerância religiosa que vem, como revelam recentes pesquisas, crescendo em nosso país, mas principalmente a desconstrução do racismo religioso, uma parte específica da intolerância que opera mobilizando o racismo. Logo, conhecer em detalhes um religiosidade de matriz africana, que muitas vezes não é tipicamente relacionada a África no senso comum por conta do eurocentrismo que todavia pesa sobre o Egito antigo, é dar visibilidade para mais uma parte de África que floresceu no Brasil.

Referências

- Diop, Cheikh Anta. 2011. "A origem dos antigos egípcios". In: MOKHTAR, G. (Org). História Geral da África II. África antiga. São Paulo/Brasília: UNESCO.
- Kemetismo Brasil. n.d. Site Oficial: <https://www.kemetismobrasil.com.br/>. Acesso em: 01

Dez. de 2024.

Kemetismo Brasil: <http://kemetismobrasil.com.br>. Acesso em: 23 Jan. 2025.

Universidade Federal Fluminense. n.d. Site oficial do NEHMAAT – Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da UFF: <http://www.nehmaat.uff.br/>. Acesso em: 23 Jan. de 2025.

Universidade Federal Fluminense. n.d. Laboratório de História e Espiritualidade da UFF: <http://historiacampos.sites.uff.br/atividades/e-grupos-de-pesquisa/>. Acesso em: 23 Jan. de 2025.

sobre o entrevistado

Pablo Mizraji

Sacerdote Ka Em Neter, Cientista Social, membro da Sociedad Uruguaya de Egiptología e um dos fundadores do Kemetismo Brasil/ Florianópolis, SC, Brasil.

sobre a entrevistadora

Raisa Sagredo

Doutora em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui Mestrado em História Cultural pela mesma instituição (2017), Licenciatura e Bacharelado em História também pela UFSC (2014) e Licenciatura em Pedagogia (2019). Atualmente é integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais (MERIDIANUM/UFSC), do Projeto de Extensão Meridianum Complexus (UFSC), atuando também como Vice-coordenadora do NUPEMBO (Núcleo de Pesquisa e Estudo sobre Magia, Bruxaria e Ocultismo) e Coordenadora dos encontros do GEFEM (Grupos de Estudos entre o Feminino e o Masculino na Longa Duração) desde 2024.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 11/02/2025.

Aprovado para publicação em: 02/12/2025.